



DE CURROS A SUSO VAAMONDE

Um dos processos judiciais mais sonados da Galiza do XIX foi o sofrido por Curros Enríquez por causa dos seus versos anticlericais. Um século mais tarde, em 1980, o cantor Suso Vaamonde era condenado a doze anos de cárcere pola letra dumha cançom.

CRIAÇOM

Rebeca Baceiredo está de noraboa. Esta filósofa ourensana vem de publicar o seu quarto ensaio, *E meterei a miña lei no seu peito*, com Estaleiro Editora. Neste mês achega-nos *Erro do sistema*, mais um testemunho de que a ficçom e a realidade vam sempre da mao.

CINEMA

Alberte Pagán fala-nos da (S8) Mostra de Cinema Periférico, que nom duvida em considerar como o mais importante evento do país no seu género. Dar, tomar, roubar e oferecer som açons exercidas polos participantes numha Mostra que constitui toda umha canle de diálogo artístico.

TEMPOS MODERNOS

Do processo Curros a Suso Vaamonde: dous delitos para um Estado alheio

Óscar Valadares

Curros Enríquez nom só foi um dos protagonistas do ressurgimento galego. Também foi vítima dum dos processos judiciais mais conotados do século XIX na Galiza, no que se misturárom os poemas do que depois será considerado o grande poeta civil da Galiza e os interesses da hierarquia católica de Ourense.

A perseguiçom por motivos religiosos e de consciência tem sido uma constante na história do Estado espanhol desde sempre. O Estado que inventou a Inquiçom continuava a promover, em finais do século XIX, umha incontornável penetraçom eclesiástica. Em 1880, Curros, que já tinha publicado com sucesso alguma obra laicista, foi acusado polo bispo de Ourense, Cesáreo Rodrigo (que também era senador do reino), de heresia, blasfémia e escândalo pola publicaçom de *Aires da minha terra*, o livro de poemas em que aparece o Curros mais anticlerical. Em concreto, por causa do verso “Se eu figem tal mundo, o demo me leve”, o bispado até chegou



a proibir a leitura ou a simples posse do livro.

Mesmo sem ter sido formalmente acusado por ninguém, Manuel Melha Montenegro, o juiz de primeira instância da cidade, acusou o poeta de induzir ao “despreço do supremo ser e do sumo pontífice”, sem precisar por quais versos ditava a condena, e mandou confiscar todos os exemplares em poder do editor e destruir os mol-

des da imprensa. No julgamento condenou ainda o poeta a 2 anos, 4 meses e 1 dia de prisom e ao pagamento dumha multa de 250 pesetas.

O recurso, que se celebrou no ano seguinte na Corunha, tornou-se famoso polas apelaçoms à liberdade de opiniom e expressom realizadas polo advogado Luciano Puga, que defendia Curros e derivadamente acusava o tribunal ou-

rensao de se pregar a simples insinuaçoms do bispado. O advogado chegou mesmo a criticar que os versos galegos fossem julgados traduzidos ao espanhol, por perderem o seu significado. Os defeitos formais do primeiro julgamento, mas também a pressom popular contra umha sentença inicial considerada retrógrada numha cidade que entom presumia de liberal e moderna possibilitárom efetivamente a absoluçom de Curros. Mas a condena inicial tinha já um correlato laboral: a expulsom do seu posto de funcionário da fazenda em Ourense, que o levou se instalar em Madrid e depois em Havana, onde trabalhou para jornais progressistas e republicanos e onde continuaria a publicar obras galegas de temática anticlerical.

Mas o processo a Curros nom foi o único da sua classe na Galiza. Um bem similar aconteceu com Suso Vaamonde, exactamente um século mais tarde. No verao de 1979, em plena oposiçom popular à central nuclear que governo espanhol pretendia instalar na Galiza, o cantautor interpretou a cançom ‘Uah!’ num recital na praça da Ferraria de Ponte Vedra in-

troduzindo o célebre verso “se Espanha é a minha mai, eu sou um filho de puta”. Foi um militar espanhol que assistia de incógnito quem denunciou o cantante perante a audiência provincial, que o condenou por injúrias à Espanha a doze anos e um dia de prisom, finalmente reduzidos à metade após recurso no tribunal supremo, já em novembro de 1980.

Mesmo com a reduçom da pena, aquelas letras fôrom consideradas “injúrias à Pátria com publicidade” e Suso Vaamonde tornou-se deste modo o primeiro pressom político do regime espanhol pós-franquista. Para o evitar, o cantautor saiu exilado em meio a uma importante campanha de solidariedade, principalmente movida por outros autores como o Zeca Afonso ou José Mário Branco, regressando apenas em 1984, quando o PSOE acedeu ao governo espanhol e a presença de Xaime Barreiro Gil, ex-companheiro do cantante em Vozes Ceives e membro do partido, permitiu fazer pressom sobre Felipe González para o indultar.

Em ambos os casos, embora os cem anos de diferença, expressoms populares (mediatizadas pola linguagem machista no caso de Suso Vaamonde) eram consideradas delitos de injúrias ou blasfémias ao se aplicarem aos piares históricos do Estado espanhol: a “pátria” e a religiom.



EM TEMPOS

Vilasantar: do noutroa ao agora

Rubén Melide

No interior da provincia da Corunha, banhado polo Tambre e varios dos seus afluentes e pertencendo -ao noso entender incompreensivelmente- à comarca oficial do distante Betanços, o concelho de Vilasantar fai parte da regiom historicamente conhecida como A Montanha, umha das grandes esquecidas do noso país.

Dos megálitos ao mosteiro de Sobrado

Se procurarmos vestígios do megalitismo em Vilasantar, teremos que nos dirigir a Vilarinho, a freguesia mais oriental do concelho, já raiana com Sobrado dos Monjes. É lá que encontramos a mámoa do monte Vilarinho -paróquia onde também existe um castro catalogado-, a de Fanegas e a de Pedrinho. Aliás, existe um outro castro nas Corredoiras, no limite com Boimorto. Da romanidade temos um extraordinário testemunho no acampamento da Cidadela ou Cidadela, na raia entre Vilasantar e Sobrado.

No medioevo, estas terras irám estar fortemente vinculadas com o Condado de Préssaras, e posteriormente com o mosteiro de Sobrado. A antiga demarcação nobiliar viria a atingir, *grosso modo*, os atuais concelhos de Sobrado, Vilasantar e Cúrtis. A origem do topónimo da cabeceira do condado -que ainda hoje é o principal núcleo do concelho, formado polos lugares do Chope e o Foro- está nas *praessurae* romanas: terras anteriormente desertas que som oferecidas a colonos para serem habitadas e trabalhadas. O derradeiro dos condes de Préssaras foi Hermenegildo Alviates, pai do que iria ser bispo de Íria, Sisnando II. Hermenegildo outorgará o privilégio fundacional do mosteiro de Sobrado ao presbítero Sentário no ano 952, sendo cedidas ao mosteiro um total de 16 vilas, facto que marca o fim da história do condado em favor do domínio eclesiástico da área.

Pedro e a igreja de Mezonzo

Porém, prévia ao mosteiro de Sobrado -e de central importância antes da existência deste- é a igreja românica de Santa Maria de Mezonzo, que tinha anexado um mosteiro que nom se conserva a



dia de hoje. O que podemos ver do templo data de fins do século XII, mas a sua origem é anterior, possivelmente da época sueva ou visigoda, pois conserva dous capitéis do século VI e aparece em documentos latinos sob o nome de *Mosontio*. Também existe umha coluna de mármore na fachada norte cuja antiguidade parece superior à do resto da edificação.

O mosteiro de Mezonzo foi independente até a aparição do de Sobrado no século X. Trata-se do berço espiritual do santo Pedro de Mezonzo, quem permaneceu nele entre os anos 948 e 958. Com a absorção do mosteiro polo de Sobrado, Pedro passa a este último, do qual irá ser eleito abade em 965. Após as complicações causadas polas incursões normandas, trasladar-se-á para o compostelano mosteiro de Antealtares, tornando-se posteriormente, no ano 985, bispo de Íria e Compostela sob o reinado de Vermudo II. Sendo Pedro cabeça da sé santiaguesa, o país sofrerá a invasão árabe liderada por Almançor, perante a qual o bispo ordena a evacuação da cidade, levando consigo os restos que se atribuíam ao Apóstolo. Seria neste contexto que Pedro teria composto a famosa *Salve Regina*.

No medioevo, estas terras irám estar fortemente vinculadas com o Condado de Préssaras, passando o mosteiro de Sobrado exercer o domínio nos séculos sucessivos

O batám

Em Mezonzo, bem perto da igreja românica e nas beiras do rio das Gándaras, encontra-se um dos últimos batáms em funcionamento da Península Ibérica. O seu dono, que paradoxalmente se chama José Mahía -como se a História quisesse compensar por meio do bataneiro a grande exportação de caseiros destas terras da Montanha para outras mais baixas e férteis, como a Amaía, ao longo dos dous séculos passados- explica que a sua família viveu historicamente dele, até que a industrialização fijo com que este deixasse de ser competitivo.

O batám -engenho têxtil feito em madeira de carvalho- dataria do pleno medioevo, e foi mandado construir polos monges do vi-

zinho mosteiro de Santa Maria. A complexa máquina estivo em funcionamento até meados do século XX, quando é abandonado para ser posteriormente restaurado no ano em que entra o novo milénio. Mahía, que se encarrega da manutenção do aparelho dumha maneira praticamente autónoma, queixa-se do escasso apoio das instituições a este bem histórico e etnográfico, de natureza única no país e várias vezes centenário.

O sistema hidráulico do batám compactava os tecidos até os reduzir à metade da sua superfície, dotando-os dumha consistência bem maior da que tinham inicialmente. Umha roda hidráulica ativava os maços que golpeavam a peça de lá durante umhas trinta horas. Hoje, quando recebe visitas, o bataneiro exemplifica o processo empregando umha esponja no canto das mantas. O aparelho só trabalhava entre fevereiro e junho, porque no verao o rio das Gándaras nom levava suficiente água como para o movimentar.

A labor conservacionista de José Mahía, ou *Pepe do Batám*, nom se restringindo ao engenho em si, atingiu todo o contorno, que compreende um formoso bosque ri-

Contrastando com o viçoso passado, o futuro próximo enxerga-se um tanto nevoento, com umha população envelhecida e umha grave queda demográfica

beirinho, umha ferverça, um antigo maço de linho e um moinho também por ele restaurado. Aliás, José desenhou um roteiro e construiu umhas escadas de madeira que permitem às pessoas visitantes acederem sem problemas a tam rico conjunto.

Tradição têxtil

A tradição têxtil desta terra nom se detém no batám. A empresa *Hilados y Tejidos de Vilasantar*, sediada em Préssaras, começou a funcionar no ano 1870 e chegou a dar trabalho a mais de trescentas mulheres. A rivalidade entre esta fábrica e *La Primera Coruñesa*, ambas as duas propriedade dos irmaos Miranda Santos, foi a nota dominante na realidade do têxtil galego entre o fim da I Guerra Mundial e meados do século passado. Porém, passado o equador do XX, a rentabilidade da fatoria de Vilasantar começou a devalar e, após algumha tentativa deslocalizadora por parte dos donos, sofreu um misterioso incêndio. A história da têxtil é narrada em primeira pessoa por algumhas das suas protagonistas no documentário *Memoria de muller de Vilasantar*, elaborado por mulheres do concelho.

Futuro incerto

Em contraste com esse passado viçoso, o panorama atual aparece cheio de interrogantes. Dos mais de 4.000 habitantes de 1950 passou-se para 1.368 em 2012. Dados da década passada indicam que as casas abandonadas, os casais velhos sem sucessor e os maduros sem expectativas de relevo somavam na altura mais de 50% dos lares do município. Entre a gente que ficou, resistindo ao desastre demográfico que supujo a emigração -especialmente ao País Basco-, a pecuária, e em menor medida o setor da madeira, perfilam-se como alternativas quase únicas à perpetuação do êxodo.



A FOTO

Xermán García Romai

Hymenophyllum tunbrigense, Devesa de Nimo, Noia. Fento catalogado como "vulnerável" no Catálogo Galego de Espécies Ameaçadas. Na Galiza pode-se olhar escassamente em fragas perto da costa do norte da Corunha e Lugo, sendo esta população da Devesa de Nimo, em Noia, o limite meridional da espécie para a Península Ibérica.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construçõs faraónicas vazias de con-
tido e das homenagens florais descontextualizadas, está a
criaçom. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e
com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com
cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e to-
das estades convidados a participar.
Escreve para literaria@novasgz.com.

A pesar de nom ser o seu terreno de jogo habitual, nom é a primeira vez que Rebeca Baceiredo se ache-
ga à criaçom literária. O seu último livro, *E meterei a miña lei no seu peito*, dá boa conta disto entre
cançons de Tom Waits e Nick Cave. Este seu Erro do sistema é mais um testemunho de que a ficçom e a
realidade vam sempre da mao.



Erro do sistema por Rebeca Baceiredo

Fervia o café. Fervia o café e os seus olhos brilhavam no baleiro da sua alma. Estava morta e, rigorosa como é a vida, queria que o seu corpo respi-
rasse o estado do espírito, que coincidisse com ele. Sua mai baixara comprar as cousas precisas para encher a neveira dumha mai pensionista. Ela
nunca ia ser mai e nunca ia ser pensionista. Ela nunca quixo ser nada porque nunca tivo a possibilidade de ter nengumha opçom. Seu pai marcha-
ra a algum bar a ler algum jornal para se esquecer do mundo um anaco. Ela nom esquecera o mundo, o mundo nunca se esqueceu dela: o mundo nem sa-
bia da sua existência. Ela repetia a mesma açom, os mesmos olhos vidrosos estalando no baleiro enquanto o seu instinto cheirava o café, para saber que
era o tempo de desligá-lo, já.

Quatro anos no paro, ainda lhe restavam aforros, mas nom fôlegos. Fora secretária numha gestoria e, até uns meses, caixeira num supermercado, onde
nunca ninguém che mira os olhos: nom lembras *terror en el hipermercado*? Para camareira era velha e para puta, também, como lhe dixera o seu ex-mo-
ço, um moço com um destes perfis baixos de psicopatía que povoam o mundo. Onde está o catálogo de vidas para mulheres, para mulheres de classes bai-
xas condenadas a seguir caindo pola pirâmide abaixo?

Sem organizar o pensamento sentia como devia ser o último. O último devia ser, por honor à vida, como todos os demais. Cheio de nada. Fazer o que fa-
zia sempre, o que sabia fazer. Estar. Estar sem saber como nem para que nem, com certeza, por que. Estar aguentando, com umha sensaçom incipiente,
ainda inconsciente, de libertaçom, com a libertaçom de quem vai deixar de resistir, mas nom para ser libertada, para ser: só para nom ser.

Nascera nesse edifício, num sétimo, isso nom lhe dava um sentido de propriedade, mas sim de pertença. Pertencia a ele e nele ia ficar, dalgum-
ha maneira. Abriu a porta, com a bata ainda posta, sempre posta, e o café sem tomar. Caminhou, zombie, polo descansinho até a varanda, olhou
para o chao, lá abaixo, no meio do oco, por fim com a angústia apagada do seu rosto. Dobrou a cintura, deixou que o peso da cabeça desequilibri-
brasse o corpo e deixou-se cair.

-Craash! Soou demasiado aginha. Como se passa o tempo nos extremos! Notou dor na cadeira, ergueu a cabeça, procurando a referência espacial, en-
contrando o indicador do 6º. Nom sabia se estava já morta, mas certeza que o ia assegurar: dobrou a cintura, deixou que o peso da cabeça desequilibras-
se o corpo e deixou-se ir. Outra vez. Nom conhecia outra técnica para cair.

-Craash! Tardou algo mais o som em soar. Dor na cadeira e nos ombreiros, os pés retorcidos e a cara machucada. Ergueu a cabeça e encontrou-se no 4º.
Com toda a raiva que nunca chegara a ser capaz de sentir, sequer, agarrou-se à varanda e impulsou-se atirando-se de cabeça. Girou o seu corpo até o por-
tal. Ali ficou. Com os olhos entreabertos. Até que a ambulância chegou.

Dous meses ingressada em psiquiatria. Voltou para o edifício ao que pertencia, a algo há que se aferrar:

-Todo foi um erro, dixo.



LÍNGUA NACIONAL

Outro divino sainete

Isabel Rei Samartim

O final do passado curso letivo foi especialmente estranho no Conservatório Profissional de Compostela. Depois duma série de atentados contra a direção, contra membros do professorado e contra o próprio centro, encerrava-se o último trimestre com o espectáculo oferecido por um grupo extremista bilingue que deixou cair algumas das suas frechas sobre o sofrido lombo da Equipa de Dinamização da Língua Galega (EDLG).

A direção do centro, agindo como capitão de barco, protegia o professorado e o trabalho da EDLG da tormenta que se formava nos céus administrativos. Ali, no Olimpo burocrático, tinham-se perdido os papeis e, no canto de abrir o guarda-chuva

legal para amparar os seus administrados, os Zeuses de turno prestavam ouvidos às más línguas bilingues que puxavam como ventos irados para causar desgraça.

Finalmente, com base em ameaças e desencontros, a administração forçou a demissão do diretor e, depois dum período de

inércia, começou uma etapa de incerteza em que o conservatório ficou ao pairo por os Zeuses não quererem aceitar a nova capitã que @s marinheir@s tinham votado. Já se sabe que no Olimpo umas cousas demoram e outras não são como pensamos.

Então desaceitaram o parecer do claustro, do conselho escolar e da associação de mães e pais, e dedilharam o seu candidato à nova direção. Isto tudo coincide

misteriosamente com a próxima aplicação da lei Wert que, entre outras piratarías, modifica o sistema de acesso às direções dos centros educativos. Mas, sem assumir a existência dalgum divino interesse em promocionar este ou aquele candidato, sendo a administração tão soberanamente preguiçosa, por que raio iam meter-se nas procelosas águas da virada a contracorrente?

As atividades desenvolvidas

durante dous intensos cursos: os concertos e recitais do alunado e do professorado dentro e fora do centro, as conferências, os ciclos de câmara e de órgão, as colaborações com outras entidades, o trabalho e originalidade na programação de música galega, a presença dos grupos orquestrais na cidade, o dinamismo musical despregado não foram razões suficientes para reprimir o capricho dos Zeuses, mais acostumados com a austeridade laboral.

O conservatório precisava duma mudança, diziam desde os céus. Mas no fundo... que incógnitas guardarão as divindades administrativas? Chegaremos a entender por que o Olimpo interrompeu o bom desempenho deste centro educativo? Qual poderá ser o final do processo de substituição diretiva que, contra vento e maré, a administração leva para a frente?

Desde então, e seguindo o vate Curros, creio ou não creio..., mas duvidar já não duvido.



CINEMA

Somos o que comemos

Alberte Pagán

Mais um ano (e vam cinco) pudemos desfrutar da (S8) Mostra de Cinema Periférico, sem dúvida o melhor festival do país, um festival que sabe conjugar a modernidade (o último e ultimíssimo cinema experimental do planeta) com a tradição (esses clássicos do cinema de vanguarda que ano após ano vam deixando a sua pegada, cinematográfica e humana, na Corunha: Peter Kubelka, Guy Sherwin e, neste ano, Taka Iimura). É um festival que permite ver, nos seus formatos originais e de primeira mão, essa obras canónicas que conhecemos só pola literatura ou por defeituosas cópias que circulam de mão em mão, ao tempo que nos descobre novas autoras ou novas filmografias: no caso presente, as diferentes sessões permitiromos achegarmo-nos à rica e nunca suficientemente conhecida tradição experimental japonesa, da que o citado Iimura é um dos pioneiros e máximos expoentes.

Diz-me o que comes, dir-te-ei quem és. O ano passado desco-

brimos no mesmo festival a cinematografia experimental argentina. Daquela Claudio Caldini fazia de interlocutor, e comentava como em Buenos Aires nascera um grupo de vanguarda inspirado polo cinema experimental ale-

zer cinema. O que vemos nom só nos inspira no estilo, mas também na prática; anima-nos a fazer (ou continuar a fazer) e indica-nos certos vieiros a seguir; bem por imitação-homenagem-progressom, bem por reaçom.



mám, que conheceram antes do inevitavelmente mais canónico estadunidense. A razão? Umhas jornadas de cinema alemám organizadas polo Instituto Goethe que contavam com a presença de Werner Nekes. Resultado? A presença literal de Nekes nalgumhas dos filmes argentinos, e um reconhecimento a um jeito, umha poética e umha política de fa-

A (S8) tem muito de "escola", nesse sentido. A sua própria estrutura (cinema de fora, com cinematografias nacionais que revisar ou descobrir, correndo paralelas à secçom Sinais, dedicada ao cinema galego; o internacional dialogando com o local e vice-versa) permite e facilita este jogo de aprendizagem e influências mútuas. Este ano foi a oportunidade

de mostrar a sua obra em curso (outro grande acerto da Mostra: a obra como algo vivo, a audiência como co-partícipe do processo criativo, porque, neste caso concreto, Eloy precisa da reaçom do

tiplos, altifalantes, presenças performativas...

Iimura entrou no cinema experimental da mão dos textos, dada a impossibilidade material de ver os filmes sobre os quais lia. Umha vez nos EUA, e enfrentado às obras que até esse momento só conhecia pola literatura, tivo duas reaçons: umha primeira, seguindo o seu estilo lírico inicial, de continuismo com os seus colegas americanos (aí estão Face ou Filmmakers, nascidos como homenagens); e outra, quiçá mais frutífera, de reaçom perante o que ele chama "a veneraçom pola imagem", característica do lado mais psicadélico do underground, que o levou por rumos conceptuais em que a imagem fotográfica está ausente: rejeitada a figuraçom, o artista nipom dedicouse intensamente, na década de 1970, a explorar a temporalidade e a duraçom no cinema, utilizando como elementos articulatórios colas transparentes e negras, fotogramas brancos e pretos, luz e escuridade. A circunstância, por empatia ou por rejeitamento, nom pode deixar de fazer parte de nós e das nossas obras.